



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**

JANAINA SEGATTO MENEZES

**A CONSTRUÇÃO/CONSTITUIÇÃO DO TEXTO COLETIVO PARA O PROCESSO DE
DESSILENCIAMENTO DO ALFABETIZANDO DO PARANOÁ E ITAPOÃ**

**BRASÍLIA – DF
2013**

JANAINA SEGATTO MENEZES

**A CONSTRUÇÃO DO TEXTO COLETIVO PARA O PROCESSO DE
DESSILENCIAMENTO DO ALFABETIZANDO DO PARANOÁ E ITAPOÃ**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção de título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Orientadora : Profa. Doutora Maria Clarisse Vieira

**BRASÍLIA – DF
2013**

Menezes, Janaina Segatto.

A construção do texto coletivo para o processo de dessilenciamento dos alfabetizandos do Paranoá e Itapoã/Janaina Segatto Menezes. - Brasília, 2013. 51 f.

Monografia – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013.

Orientadora: Maria Clarisse Vieira

1. 2. 3. Alfabetização de jovens, adultos e idosos, texto coletivo, educação libertadora.

JANAINA SEGATTO MENEZES

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção de título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Aprovado por:

Profa. Doutora Maria Clarisse Vieira

Orientadora – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Doutor Renato Hilário dos Reis

Membro titular da banca – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Mestre Julieta Borges Lemes

Membro titular da banca – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Dedico este trabalho à minha mãe, ao meu pai, meus irmãos e minha irmã. Aos meus tios e minhas tias. Aos meus primos e as minhas primas. A todos os trabalhadores, que apesar das circunstâncias não deixam de lado o bom humor e a esperança de dias melhores. Aos educadores dialógicos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela vida, pela força para continuar lutando, pela esperança de cada novo dia e pela fé racional do Seu amor acolhedor.

Agradeço à minha mãe, Cristina, pela prática do amor de cada dia, pelo diálogo, por sempre ter esperança na minha regeneração pessoal e espiritual. Por sempre ter trabalhado para sustentar a mim e aos meus irmãos. A melhor parte de mim é reflexo das suas boas atitudes, mãe-amiga-parceira. Amo você!

Agradeço aos meus irmãos, Fernando e Thiago, pelas diversões, brigas, convivência. Vocês são os melhores irmãos do mundo!

Agradeço aos meus avós, Geraldo e Lili, pelo carinho de todos os momentos. Vocês, são e serão as pessoas mais importantes da minha vida. Amo vocês!

Agradeço ao meu pai pelos conselhos, pelas histórias e pelas risadas. Amo você!

Agradeço aos meus tios, Ângelo, Marcelo, Geraldo e Roberto, pelo carinho paterno, pela ajuda nas situações mais críticas, pela convivência, pelas caranguejadas e muitas risadas de cada encontro. Amo vocês!

Agradeço às minhas tias Fátima, Simone, Ana, Luciene e Flávia, por propiciar momentos que serão lembrados em toda a minha trajetória de vida. Pelas idas à praia, pelas viagens e pelos picolés Ajellso. Amo vocês!

Agradeço aos meus primos e minhas primas, Victor, Mariana, Nina, Tatiana, Naiara, Mateus, Renata, Rafael, Arthur, Júlia, Ana Clara, Larissa e Hugo. Vocês, simplesmente, constituíram a minha vida com a nossa convivência, as brincadeiras, as vivências, saberes e lembranças. Amo vocês!

Agradeço à Universidade de Brasília, por permitir a convivência de tantas pessoas diferentes, com pensamentos e atitudes diversas. Conhecer lugares, criar momentos de diversão, de estudos e diálogos. Obrigada!

Agradeço ao professor-amigo Renato Hilário dos Reis pelo acolhimento, pelo incentivo a leitura e a prática. É o “professor que menos fala e que eu mais aprendo”. Obrigada pela sua dialogia. Amo você!

Agradeço à Ângela, professora-amiga, exemplo de companheira. O seu bom humor é contagiante. Viva à ciranda! Amo você!

Agradeço aos amigos e amigas do GENPEX, Jaqueline, Julieta, Janielle, Marcos, Gabriela, Ester, Fabiana, Nicolay, Renato, Ângela, Marina, Wagner, Nirce, Clarisse, Gêssica, Pâmela e Kássia pelo diálogo, acolhimento e pela franqueza amorosa de cada encontro. Obrigada!

Agradeço à Maura, por sempre nos receber com carinho na casa do Renato. Obrigada!

Agradeço às minhas amigas-companheiras da vida, Vivian, Carolina, Nicole, Nathália, Sthefanie, Talita, Marcelly e Camilia. Não estaremos sempre juntas fisicamente, mas as levo no meu pensamento-sentimento, onde estiver. Amo vocês!

Agradeço as minhas amigas e amigos de dentro e fora do trabalho Rayne, Suzana, Nívea, Nathália, Camilia, Vera, Carla, Francinalda, Raquel, Alessandra, Nione, Pablo e Pedro. Minha história existencial se dá por meio das contradições das nossas convivências. Obrigada!

Agradeço à Regina, Marlene e Ivone, trabalhadoras, carinhosas, pacientes e amigas. Amo vocês!

Agradeço a todas as instituições religiosas, principalmente a doutrina Espírita e à Casa Espírita Allan Kardec do ES–CEAK– pelo aprendizado moral e espiritual. Agradeço também ao Grupo Espírita Carlos Eduardo II pela proteção espiritual diária. Obrigada!

Agradeço ao Otil, Cristina, Andréa, Dona Francisca, Fátima, Leonardo, Fernando, Rosana, Dayanne, pelo acolhimento num momento turbulento da minha vida. E também pela compreensão da minha ausência nas reuniões das sextas-feiras. Obrigada!

Agradeço aos alfabetizandos e alfabetizadas do Paranoá e Itapoã, em especial, a

Dona Maria do Amparo, Carmelita, Seu Altino, Seu Valmir, Ivonete, Seu Edmar, Dona Rita, Vilma, Seu Pedro, Seu João, Dona Maria, Seu Antônio. Vocês contribuíram para a minha constituição de ser humano de amor-poder-saber. Obrigada e Amo vocês!

Agradeço pelas alfabetizadoras Eliane e, principalmente, a Dione por ter me acolhido nas salas de aula. Por permitir o aprendizado mútuo entre nós. Obrigada!

Agradeço pelos amigos Vitor, Alan, Gabriel, Henrique e Thiago por fazer parte da minha vida. Independente dos nossos novos caminhos, serei grata por cada aprendizado que vivemos-convivemos juntos.

Agradeço ao Gabriel Freitas, Pedro Oliveira, Italo e Rafael pela amizade. Vocês entraram na minha vida para deixá-la mais festeira e alegre. Amo vocês!

Agradeço a orientadora Maria Clarisse, pela paciência, compreensão, solidariedade e parceria. Sinto que é o início de uma grande amizade. Obrigada!

Uma mágoa não é motivo para outra mágoa. Uma lágrima não é motivo para outra lágrima. Uma dor não é motivo para outra dor. Só o riso, o amor e o prazer merecem revanche. O resto, mais do que perda de tempo, é perda de vida.
(Chico Xavier)

RESUMO

A entrada na graduação no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, o contato com realidades diferentes da minha, a inserção no Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos Histórico-culturais – GENPEX coordenado pelo professor-pesquisador Renato Hilário dos Reis e a vivência/convivência na alfabetização de jovens adultos e idosos do Paranoá e Itapoã , proporcionou/proporciona a constituição como Ser Humana de amor-poder-saber e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A Constituição/construção do texto coletivo para o processo de dessilenciamento dos alfabetizados do Itapoã e Paranoá é desenvolver o diálogo naqueles que durante anos foram silenciados pelos governantes, líderes religiosos, pela escola ou seus patrões. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE de 2003, os números de pessoas “analfabetas” no Brasil são de 14, 6 milhões de brasileiros (11,6% da população). Alfabetizar em qual perspectiva? Apropriação da leitura, escrita e cálculo? A trajetória histórica do Paranoá demonstra que apenas a leitura, escrita e o calculo eram insuficientes para a demanda de seus moradores. Dialogar sobre as situações-problemas-desafios enfrentados pelos moradores do Paranoá e Itapoã e também retirar encaminhamentos para superação dos desafios , vai além da mera leitura, escrita e calculo, é uma luta de classes! A classe dominada e silenciada exigindo seus direitos omissos. O falar desenvolve no alfabetizando e alfabetizada o poder de expor o que sabe e o poder de opinar no falar do outro. Porém, o começar a falar de um alfabetizando é um processo difícil. Convido as alfabetizadoras Eliane e Dione, do Itapoã e Paranoá, respectivamente, para um bate papo explicitando como foi o processo inicial para desenvolver o poder de falar naquele que acredita que nada sabe, nada pode e nada escolhe. E no bate papo, identificamos que a construção do texto coletivo é o procedimento pedagógico para o processo de dessilenciamento do alfabetizando.

Palavras-chave: Convivência, diálogo, texto coletivo, dessilenciamento, situação-problema-desafio e superação.

Sumário

PARTE I

Memorial

Ser humano que é sonho e permanência de sonho daqueles que a maior esperança é a de teimar a sublime teimosia de que o mundo pode ser melhor. De que o homem pode ser mais solidário. Sonho de que a educação pode contribuir com a constituição desse mundo, sociedade e vida melhores para todos. Sonho de que o melhor começo é o começar (Reis, p. 84 e 85)

Era uma vez e ainda é...

Capixaba Janaina Segatto Menezes, nascida no dia 22 de dezembro de 1987. Filha de mãe-guerreira, Teresa, e de pai **quase** ausente (graças à tecnologia virtual), Fernando.

Antes do meu pai se ausentar vivia eu, meu irmão mais velho Fernando (conhecido carinhosamente de Nando), o irmão do meio, Thiago e os meus pais. Nossa casa era simples. Não tinha árvores e nem jardim, mas tinha um quintal imenso.

Brincava na rua com os vizinhos, pulava muro para fugir das broncas da mãe. Fazia pose para a tia fotografar. E com poucas moedas... Nossa! Fazíamos a festa na lojinha de doces

Aos cinco anos, meus pais se separaram. Ele, com o sonho de uma vida melhor, mudou para os Estados Unidos da América. E desde então, trocamos telefonemas, cartões de natal e uma visita rápida no meu aniversário de quinze anos.

Minha mãe trabalhava como enfermeira em três empregos, nós a víamos pouco. Mas ela sempre foi muito presente (e brava!). Ligava muito e nos mandava estudar.

Acordar cedo, tomar café da manhã e ir para a escola. Como gostava! Brincava com areia, no balanço e de escorregador. Sem esquecer-se das árvores e brincar de pegador. Colecionava papel de cartas, adesivos e envelopes coloridos.

Participava dos concursos de desfile de maiô, redação e esportes promovidos pela escola. E o único que ganhei foi o de *miss* simpatia da classe.

A professora Zéris era tão meiga. Tinha uma paciência e tanto. Não alterava o tom de voz e nem ficava nervosa. Ela desenvolvia vários concursos de cunho moral, como: *miss* simpatia, amizade e coragem. No final, todos ganhavam uma faixa com alguma qualidade.

Divertido também era no transporte escolar da Tia Inês. Era uma bagunça divertida. Lá conheci a Sthefanie Rocha (a Tefa).

Eu e a Tefa éramos as meninas mais feias do bairro. Fazíamos barquinho de papel e o colocava no “rio temporário” perto da calçada. Ganhávamos as competições de patins e batíamos nos meninos (e apanhava também). Eu e ela ainda rimos muito das molecadas vividas.

Nessa época, minha mãe trabalhava muito e houve a necessidade de contratar uma pessoa para arrumar a casa e cuidar de nós. Foi assim que convivemos com a Regina. Brincava conosco, nos deixava desarrumar toda a casa e depois arrumava tudo. Fui dama de honra dela aos oito anos. Depois do casamento, ela se despediu e seguiu sua vida com o marido. Deixou muitos ensinamentos e lembranças de amorosidade.

Despedi da Regina e também dessa escola. Fui para a escola da minha prima Nina. Ficava muito longe da minha casa e tinha que pegar ônibus público. Lá conheci o Benito, professor de matemática. Muito alto, barba preta e branca, sério e simpático. Ele me fez gostar de matemática. Foi o primeiro professor homem.

Não gostava de ciências, mas tive uma aula inesquecível. A professora nos chamou para sair da sala dizendo que a aula seria no pátio. Produzimos um caleidoscópio. Não conhecia e quando ficou pronto fiquei encantada. A mudança de cor e desenho, a atividade no ar livre, tudo isso favoreceu para conhecer mais gente da minha sala e para deixar esta aula especial.

Depois da Regina, Marlene foi a pessoa que assumiu a responsabilidade de cuidar de mim, dos meus irmãos e da casa. Era uma senhora negra, cabelos negros cacheados e séria. Ela me levava para escola de ônibus. E, sem minha mãe saber, às vezes, me deixava ir sozinha para a escola. Eu me sentia muito responsável.

Aos sábados, ela nos levava (eu e meu irmão Thiago) ao centro espírita. Ficava uns vinte (20)

minutos à pé da nossa casa. Íamos conversando. Às vezes, a Tefa e minha prima Naiara iam conosco. Era sempre divertido!

Por convite do Ministério da Saúde, minha mãe decide começar tudo de novo. E, aos treze anos, eu meus irmãos e minha mãe arrumamos nossas malas, nos despedimos da Marlene, dos amigos e da família e pegamos o ônibus da Itapemirim. Depois de vinte e duas horas de viagem, chegamos à nossa nova moradia – Brasília/DF.

Iniciamos e constituímos nossas vidas na Asa Sul¹. Era tudo novo e igual. Tudo organizado e limpo. As pessoas muito sérias, diferente das pessoas do litoral. A escola foi fundamental para o processo de socialização.

Falavam para minha mãe da qualidade do ensino público do DF. Ela nos matriculou na Escola Classe 103 sul. Foi a primeira e única vez que estudei na rede pública. Lá vivi as primeiras emoções: morte de um conhecido, o significado de “subir aula”; do professor de português falar que “chicrete” está correto (na época, achei um absurdo ele ter dito isso e o chamei de burro. Hoje, com leituras sobre diversidade linguística, concordo com ele) e do primeiro beijo (brincando de “verdade e consequência”). Não fiz muitos amigos, porque moravam muito longe.

Depois fui para rede particular. Fiz muitos amigos. Todos eles moravam perto da minha casa. Alguns mantenho contato até hoje, outros, boas lembranças.

Em Brasília, minha mãe trabalhava apenas no Ministério da Saúde, mas viajava toda semana e ficava três (3) ou quatro (4) dias fora. E, novamente, duas pessoas tiveram destaque na minha formação. A primeira foi Alvina. Eu era muito ruim com ela. Pegava as coisas da minha mãe e dizia que tinha sido ela e ela nunca desmentiu. Ainda bem que a minha mãe nunca acreditou em mim. Ela faltava sempre na segunda feira, porque apanhava no final de semana da vizinha. Ela pediu para sair depois de quatro anos de serviço. A segunda, Ivonete, trabalha conosco até hoje. Eu e ela conversamos muito, aconselhamo-nos e ela sempre me pede para ser mais organizada.

Em 2006, depois de ser influenciada por uma amiga, opto pelo curso de Pedagogia ao invés

¹ Região Administrativa de Brasília – Distrito Federal.

da Física no vestibular da Universidade de Brasília. Foi a minha primeira grande conquista. Minha mãe estava na Guatemala² e ficou sabendo do fato dois (2) dias depois de todo mundo, via e-mail pelo meu tio Marcelo. Ela me ligou chorando. E choramos, rimos e compartilhamos desse momento via telefone e depois pessoalmente quando ela chegou.

Pessoas de todos os tipos, preta, branca, índios e estrangeiros. Cada um com seu estilo e personalidade. Diversidade de pensamentos, liberdade de pensamento e manifestações de diversas de expressar o pensar. Muitas árvores, verdes e praças. Assim é a Universidade de Brasília. Lugar propício para estudos, diálogos, reflexões e transformações (individual e coletiva).

No início do curso, não pretendia seguir como professora. Pretendia atuar na área empresarial (pedagogia empresarial). Mudei de ideia quando conheci a atuação do pedagogo nas empresas e, não me identifiquei.

Além da parte acadêmica, tinha os encontros pedagógicos no Centro Acadêmico. Encontrávamos-nos para jogar truco e conversar sobre assuntos das disciplinas. Truco, socialização, diálogo, discussões e debates sobre temas educacionais e outros.

Num curso sobre educação ambiental, em 2007, conversava com uma moça e ela me perguntou se eu tinha interesse em trabalhar com educação infantil e sugeriu que entregasse o meu currículo na escola que trabalhava. Segui o seu conselho. E no dia seguinte fui à escola. Ficava no Lago Sul³ e era privada. Entrei o meu currículo e fui selecionada para entrevista. Passei na seleção.

Em abril de 2007, início a minha experiência na educação infantil com crianças de cinco (5) anos (jardim 2) como monitora de sala. Adorei desde o primeiro dia. Houve afinidade de pensamento com a professora. Mas em junho a professora é demitida e começo a trabalhar com a professora Vera na alfabetização.

Início difícil. Eu a achava autoritária e conteudista. E, dentro das minhas contradições, a achava inovadora e dialógica. Não aceitava conversa durante a atividade, mas ao mesmo tempo, dava liberdade de propor ideias. Trabalhava com textos coletivos, mas não aceitava desrespeito e

² País localizado na América Central.

³ Região de maior poder aquisitivo de Brasília.

falava mais alto, quando necessário.

Trabalhar com criança e cursar pedagogia na UnB. Juntar teoria e prática. Momento difícil e de grande aprendizado. Compreensão de que o curso de Pedagogia era teórico e muito diferente da realidade de dentro da sala de aula. Discussões com professores e colegas de curso. Professores e colegas teóricos e sem vivência da prática. Defendiam uma atuação pedagógica praticamente impossível de ser praticada. Pessoas que nunca tinham entrado numa sala de aula e defendiam ideais como se fosse fácil conviver com 25 crianças dentro de uma sala, cada uma com sua particularidade, com a violência, com a falta de apoio familiar.

Em 2008, em uma das praças da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB) conversava com Nikolay, também graduando em Pedagogia, sobre a influência do curso na nossa formação profissional e pessoal. Ele, então disse: “Jana, você conhece o Projeto do Renato Hilário? Ele transformou a minha vida”. Esta fala me sensibilizou e despertou a curiosidade, a vontade de conhecer o Projeto.

No próximo encontro do Projeto, eu estava lá.

Às 19 horas entrei na sala indicada pelo Nikolay, fui recebida com abraço afetuoso do professor Renato Hilário e dos estudantes Julieta Borges, Karen Triacca, Jaqueline, Luis (conhecido como Conde) e outros colegas. As cadeiras estavam dispostas em círculo.

Depois da acolhida, sentei no círculo e me apresentei. Um dos estudantes propôs a apresentação de cada um e a apresentação do Projeto. Neste momento, tive conhecimento do nome do Projeto: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais – GENPEX⁴, coordenado pelo professor Renato Hilário dos Reis.

A apresentação foi uma forma de me sentir integrante do GENPEX. Após as apresentações, iniciaram os relatos da atuação⁵ dos estudantes no processo de alfabetização junto com o

⁴ Explicarei melhor no Capítulo 1

⁵ Os estudantes da UnB iam para as escolas no Paranoá e junto com as alfabetizadoras do movimento popular atuavam no processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos trabalhadores. Alfabetização na perspectiva da educação popular.

movimento popular no Paranoá e Itapoã. Escutei cada relato, observei as reações emocionais dos estudantes no momento da fala e da escuta dos relatos; o respeito em escutar o outro e, principalmente, a escuta atenta do professor.

No final do encontro, houve o abraço coletivo, no qual cada um diz uma palavra que sintetiza o sentimento experienciado naquele encontro. Os sentimentos que levei daquele encontro: “Como pude eu aprender tanto em uma aula, onde os estudantes falam mais que o professor?” e “Qual é a figura do professor Renato naquele projeto?”.

Em um ano e meio de curso, nunca tinha vivenciado tal experiência. Já tinha base teórica de Freire, Vigotsky, Walon, Piaget entre outros, mas suas teorias só ganharam significado naquele dia. A emoção de conseguir vivenciar as teorias junto às práticas dos estudantes do GENPEX despertou o sentimento da vontade. Vontade de compreender melhor essa nova forma de aprender. Aprender vivenciando e não apenas teorizando. Prática e teoria, teoria e prática.

Com a orientação do professor Renato, iniciei os estudos com a leitura do Documento Base do GENPEX e da dissertação de doutorado do professor.

A leitura do documento foi transformadora. Ao lê-la, percebe-se o envolvimento de todos os participantes⁶ no processo de alfabetização dos moradores do Paranoá e Itapoã. Houve também um sentimento de indignação com a opressão do Governo na tentativa de retirar os moradores do Paranoá remanejando-os para regiões distantes do Plano Piloto.

Ao ler sobre a ação opressora do Governo, recordei da minha atitude injusta em não assumir a responsabilidade de pegar os pertences da minha mãe e, ainda, de culpar a Alvina (empregada doméstica) de pegar. Eu, numa posição de poder opressora (filha da patroa) e a Alvina no papel oprimida (empregada). Eu representando o Governo e a Alvina os moradores do Paranoá. A diferença entre a Alvina e os moradores do Paranoá foi o silenciamento. Ela se silenciou assumindo a culpa; já os moradores, lutaram pela ocupação no Paranoá (conquistada) e lutam pela sua melhoria.

A leitura do Documento Base do GENPEX propiciou uma visão diferente da civilização,

⁶ Estudantes e professores da UnB, moradores do Paranoá e a comunidade civil.

educação, sociedade, universidade e educação popular nos seus pressupostos teóricos.

Identifiquei na leitura alguns dos meus pensamentos, sentimentos e senti afinidade com a forma de pensar/atuar do GENPEX. Quis estudar, entender mais sobre Foucault, Marx, Engels, Bakhtin e Vigotsky⁷. Iniciei a leitura da dissertação do professor Renato, mas não consegui dar continuidade pela complexibilidade do texto. Faltava prática, vivência para entender melhor o que ele quis dizer.

Em 2009, matriculo-me no Projeto GENPEX. A carga horária é extensa. De segunda a quarta, preciso ir duas (2) vezes ao Paranoá ou Itapoã; nas quintas, há encontro na FE, na sala do GENPEX, e nas sextas, novamente no Paranoá ou Itapoã para o trabalho de planejamento realizado nos fóruns.

Inicio as idas ao Paranoá e participo dos encontros no GENPEX. A vivência, os estudos, os diálogos. A ação-reflexão-ação coletiva: UnB/ movimento popular / alfabetizando/alfabetizadas do Paranoá. Todo este processo facilitou na compreensão teórica, e, a partir do real concreto e base teórica, atuar como sujeito mobilizador e transformador social.

Toda a ação transformadora da coletividade misturou-se com a minha transformação individual. O meio me transformou assim como transformei o meio. O macro mistura-se com o micro, assim como o micro se mistura com o macro. A atuação do GENPEX/UnB completa a atuação do movimento popular do Paranoá e Itapoã como também, a atuação do movimento popular do Paranoá e Itapoã completa a atuação do GENPEX/UnB. A completude do macro se dá nas relações micro das incompletudes.

E o sentimento de incompletude norteou na decisão do título deste TCC. Somos seres humanos incompletos no aspecto micro, mas nos unindo como seres humanos incompletos, dialógicos, políticos e amorosos criamos e transformamos a completude no seu sentido macro.

Assim, amigos e amigas leitoras, com a minha incompletude dialógica junto à incompletude de Freire (1981), Reis (2011), participantes do GENPEX, graduandos e graduandas da UnB,

⁷ Teóricos norteadores do Documento Base do GENPEX.

alfabetizando e alfabetizadores do Paranoá e Itapoã, amigos e familiares, mutuamente, trabalhamos para a transformação de uma sociedade com mais afeto, diálogo e responsabilidade social.

Com carinho, espero que goste dos próximos capítulos. Com esperança, desejo despertar a curiosidade de conhecer projetos sociais transformadores (no sentido individual e coletivo).

Abrços e sorrisos

PARTE II - Monografia

JUSTIFICATIVA

Trocar ideias com os amigos. Conversar com os vizinhos. “Bater papo” com os familiares. Dialogar com os professores. Compartilhar experiências com os colegas da UnB e do trabalho. Conhecer pessoas novas. Compreender outras culturas. Defender um ideal e uma atitude. Modificar modificando-se. Relacionar relacionando-se.

Com a vivência no processo de alfabetização do Paranoá e com leituras, compreendi a importância da palavra para conhecimento do outro e de mim mesma. A palavra e seus significados. Significados não apenas de palavras, mas dos sujeitos que as promove. Trocar ideias com os amigos permite conhecer seus pensamentos, seus sentimentos e compreender suas ações (conhecer o próprio sujeito) assim como eles conhecerem os meus saberes e me conhecerem.

Convivendo em uma sala de alfabetização de adultos e idosos⁸ do Paranoá, percebi como o diálogo modificou o processo de alfabetização. O diálogo entre alfabetizandos/alfabetizadora/UnB, a alfabetização deixou de ser apenas ensinar a ler, escrever e calcular, mas também passou a ser um processo de ressignificação. O texto coletivo permite a transcrição da palavra falada em palavra escrita, por meio do registro do diálogo entre os sujeitos da EJA do Paranoá e Itapoã. A construção do texto coletivo, além de ensinar a ler e escrever, propicia o processo de desinibição e empoderamento coletivo dos alfabetizandos/alfabetizadores/UnB.

A construção do texto coletivo propicia o diálogo. Sua construção é momento dialógico da alfabetização. Os alfabetizandos/alfabetizadoras/UnB compartilham pensamentos, vivências e emoções, colocam-se como sujeitos que tem saberes diversos e esses saberes expostos com o diálogo foram constituídos com a vivência de cada um. Negar esses saberes é negar a própria existência.

⁸ Na sala não tinha jovens, mas apenas alfabetizandos adultos e idosos.

A construção do texto coletivo inicia-se no momento em que alfabetizados e alfabetizadores, num diálogo tecido com base na escolha da situação-problema-desafio se expressam e discutem as dificuldades vivenciadas no dia-a-dia. E a partir desse primeiro falar, inicia-se a construção do texto coletivo utilizando as falas e os sentimentos dos alfabetizados e alfabetizadas. Essas falas são registradas pelo professor e transformadas em “lição”, que é discutida nas diferentes linguagens e áreas de conhecimento: língua portuguesa, matemática, geografia, história, artes.

Atuar no processo de dessilenciamento dos alfabetizados adultos e idosos, a partir da construção do texto coletivo, é lutar pela constituição do ser humano de amor, poder e saber, principalmente daqueles que estão na margem social da lógica de sobrevivência econômica/cultural/social atual, onde pessoas exploram pessoas para o acúmulo de bens materiais e intelectuais.

OBJETIVO GERAL

Analisar a construção do texto coletivo como instrumento pedagógico no processo de dessilenciamento dos alfabetizandos e alfabetizadas do Paranoá

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contextualizar a trajetória histórica do Paranoá e a parceria CEDEP/UnB
- Avaliar a construção do Texto Coletivo como instrumento pedagógico no processo de dessilenciamento dos alfabetizandos e alfabetizadas do Paranoá;
- Analisar os 4 pilares do GENPEX – Afetividade, Situação-problema-desafio, Texto Coletivo e Fórum
- Reconhecer o diálogo como instrumento de dessilenciamento do alfabetizando da EJA

Caminho Metodológico

O tema deste trabalho se consolidou na pesquisa da licença capacitação do professor doutor Renato Hilário dos Reis. Em março de 2013, recebo o convite, assim como a graduanda Marina de Santâna Corrêa, para participar do relatório de pesquisa do professor doutor Renato Hilário dos Reis.

O relatório de pesquisa tem como tema “As significações do Texto Coletivo no processo alfabetizador do Paranoá/Itapoã Cedep/UnB. O tema deste trabalho surgiu desta pesquisa, assim como o da Marina: “Caminhos para uma Educação Transformadora: a Geografia na experiência de Alfabetização de Jovens e Adultos do Paranoá/Itapoã.”

O professor doutor Renato nos propôs participar desta pesquisa, com o desafio que fosse elaborado no coletivo. Desde a escolha do tema e das alfabetizadoras pesquisadas até a escrita do relatório e do artigo.

O primeiro encontro ocorreu na casa do professor Renato e participaram: o professor doutor Renato Hilário dos Reis, a professora mestre Ângela Dumont, as graduandas de Pedagogia Marina e Janaina, e o graduando em Educação Física, Wagner. Neste encontro, o professor Renato explicou porque escolheram a mim, a Marina e ao Wagner para participarem da pesquisa (no papel de pesquisadores e pesquisados). O requisito foi: tempo de participação do GENPEX e atuação na alfabetização no Paranoá/Itapoã.

No primeiro encontro decidimos o tema da pesquisa: “As significações do texto coletivo no processo alfabetizador do Paranoá/Itapoã”. Propomos as alfabetizadoras que iriam participar : A Dione e a Eliane, por atuarem no Paranoá e no Itapoã, respectivamente, e por participarem do movimento popular das suas cidades. E também, seria fundamental para a pesquisa a participação dos/as alfabetizados/as. Para a participação destes últimos, tivemos que pensar numa proposta viável de ser realizada, porque não teríamos como entrevistar todos os alfabetizados um por um, então, decidimos fazer um texto coletivo sobre o texto coletivo, utilizando as falas e sentimentos das/os alfabetizadas/os.

O instrumento de pesquisa foi a entrevista semi estruturada, norteadas por 4 perguntas. As entrevistas com as alfabetizadoras foram realizadas nas escolas que trabalham pelos pesquisadores: Wagner, Marina e eu.

A primeira a ser entrevistada foi a alfabetizadora Eliane, depois a alfabetizadora Dione, em seguida, a construção do texto coletivo sobre o texto coletivo dos alfabetizados do Itapoã (sala da Eliane). As entrevistas foram gravadas em áudio e degravadas por mim, pela Marina e pelo Wagner.

Após a degravação, as entrevistas foram lidas pelo grupo. Primeira leitura em dupla (Renato e Marina) e em trio (Eu, Ângela e Wagner). Neste momento, cada dupla e trio sublinhavam 1 vez o que achavam que mais ia ao encontro das respostas. Depois desse primeiro sublinhado, a dupla e o trio liam os sublinhados. Após a leitura do sublinhado, o que a dupla e o trio achavam imprescindível ser contemplado para análise posterior do grupo sublinharia novamente. Ou seja, após o primeiro sublinhado, haveria ainda, o segundo sublinhado, este sendo a segunda leitura das entrevistas e o consenso do grupo de pesquisadores dos trechos das respostas para análise posterior da pesquisa.

Os trechos de fala das alfabetizadoras para análise deste trabalho de conclusão de curso são os mesmos do relatório de pesquisa.

A pesquisa coordenada pelo professor Renato Hilário dos Reis ainda não concluiu, e, haverá mais detalhes sobre o caminho metodológico percorrido no trabalho da graduanda Mariana.

Além dos trechos de fala das alfabetizadoras, construo o meu Diário de Itinerância. Este diário extrapola os padrões clássicos de escrita e expressa os sentimentos sobre a vivência/convivência como pesquisadora e ser humana. Lemes (2012) explica por Barbier o significado do Diário: “[...] bloco de apontamentos no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido a sua vida” (BARBIER, apud Lemes, 2012 p.127).

CAPÍTULO I – Da ocupação a Fixação: Conhecer, mobilizar, lutar, persistir e conquistar

Este capítulo descreve o processo da ocupação até a sua fixação dos primeiros moradores do Paranoá. Os embates políticos entre os interesses dos moradores da Vila Paranoá e do Governo. O contexto histórico da fixação do Paranoá exemplifica como o Governo pode utilizar do seu poder coercitivo-repressivo para oprimir, manipular e se omitir das suas obrigações se a população não caminha de acordo com suas vontades. Porém, com resistência e luta, os moradores da Vila Paranoá com o apoio da Universidade de Brasília mudam os planos do Governo e conquistam a fixação do/no Paranoá.

1.2 Trajetória Histórica da Vila Paranoá

A trajetória histórica do Paranoá faz perceber como a mobilização da população local pode modificar os planos de uma capital. Esperança, trabalho⁹, exclusão, opressão, diálogo, mobilização, luta, violência, resistência, fé, cobrança, são alguns sentimentos vividos pelos primeiros moradores do Paranoá.

Região Administrativa número VII desde 1989, Paranoá tem sua história contada em duas perspectivas. A primeira, a visão do Estado e a segunda, a do movimento popular.

Brasília Capital da Esperança foi responsável por atrair trabalhadores para sua construção. Migrantes forçados por condições econômicas a deixar suas terras natais para melhores condições de vida na Capital (Reis, 2000).

Na perspectiva do Estado, em 1957, surge a Vila do Paranoá, local para moradia dos trabalhadores da Barragem do Lago Paranoá¹⁰. "Os barracões em madeira abrigam os trabalhadores braçais, e as casas, também em madeira (só que mais formosas e bem estruturadas), abrigam os

⁹ Utilizo o conceito de trabalho no entendimento de Friedrich Engels – Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). Entende-se trabalho como "condição básica e fundamental de toda vida humana" e não apenas o seu significado reduzido de trabalho assalariada.

¹⁰ A Barragem do Lago Paranoá liga as cidades do Lago Sul e Lago Norte, que residem as pessoas de maior poder aquisitivo (Documento base do GENPEX)

engenheiros” (Jesus, 2007). E, em dezembro de 1964, através da Lei nº 4.545, surge a Região Administrativa nº VII - Paranoá, como mostra o sítio da Administração Regional do Paranoá.

Essa visão, não mostra o real concreto como foram esses anos iniciais de luta, agressão, violência, omissão do Estado nas condições básicas de sobrevivência para os trabalhadores/moradores da Vila Paranoá que resistiam à transferência para cidades distantes do Plano Piloto.

Para ter melhor clareza como foi o caminho percorrido pelos primeiros moradores da Vila Paranoá conto com Renato Hilário dos Reis¹¹ e Leila Maria de Jesus¹² para completar a visão reduzida e omissiva do Estado no processo de ocupação/fixação da Vila Paranoá.

Após a construção da Barragem, o Estado “usa seu aparato repressivo-coercitivo e persuasivo” para incentivar os trabalhadores a abandonar a Vila Paranoá e remanejá-los para regiões distantes do Plano Piloto¹³ ou para retornar às suas cidades natais. Mas os moradores resistem e lutam pela ocupação do local.

Sozinhos, numa cidade nova e excludente, os “peões começam a trazer os seus parentes e conterrâneos” para compartilhar do mesmo sonho de melhorias. E assim, a quantidade de barracos aumenta. De acampamento, torna-se vilarejo e depois Vila Paranoá.

Depois de muita luta, resistência e divergência de interesse com o Estado, os moradores da Vila Paranoá conquistaram a construção de uma Capela de madeira e de uma escola, conhecida como Colégio Velho (Jesus, 2007). Jovens se reuniam na Capela para rezar, cantar e dialogar.

Para que houvesse mais fiéis na Igreja, com o incentivo do Padre José Gálea, os jovens iam às casas para convidar os moradores a participar da missa. Nas visitas, os jovens católicos viram as dificuldades de sobrevivência dos moradores da recém Vila e perceberam que eles também enfrentavam os mesmos problemas (saneamento básico, falta de água, luz entre outros).

¹¹ Professor doutor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Escritor do livro “A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos”. Sua obra é o desdobramento de 25 anos práxis na luta junto ao movimento popular do Paranoá pela fixação e alfabetização da sua população.

¹² Moradora do Paranoá desde 1981 e mestre pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

¹³ Após as construções, os trabalhadores braçais eram remanejados para cidades distantes do Plano Piloto. Eram enviados principalmente para a CEI – Companhia de Erradicação de Invasão, hoje conhecida como a cidade de Ceilândia.

Alguns desses jovens mobilizam-se para a formação do Grupo Pró-moradia do Paranoá. Visavam “a permanência, fixação e o provimento dos serviços de água, luz, escola, posto de saúde, posto policial, transporte, entre outras necessidades fundamentais à sobrevivência e existência humana” (Reis,2000).

O Grupo Pró-moradia tinha por objetivo inicial conhecer os moradores do Paranoá, como viviam, conhecer as dificuldades e necessidades que estavam passando e mobilizá-los a participar do Grupo. Mais jovens da Vila mobilizam-se e o Grupo ganha força.

1.2 Mobilizar – Associar – Lutar – Conquistar

O Grupo Pró-moradia do Paranoá ganha força com a mobilização dos moradores. Mas apenas mobilizar era insuficiente para o processo de melhorias e conquistas.

A Vila Paranoá contava com a Associação de Moradores desde 1979, porém a atuação da Associação era voltada para interesses individuais e não de transformação social local. O Grupo mobilizado cria a Chapa 2 para candidatar-se a eleição da Associação de Moradores. A Chapa 2 é eleita para assumir o mandato de março de 1985 a 1987.

Em depoimento a Renato Hilário dos Reis, Lurdes¹⁴ diz como foi a atuação da Associação após a eleição: “Nós dividimos o Paranoá em vários setores e cada diretor cuidava de um setor. Cobríamos o Paranoá com reuniões, trabalhos, mobilizávamos o Paranoá inteiro.” (Reis, 2000).

A Associação de Moradores fortalece a mobilização dos moradores da Vila Paranoá e pressiona o Governo, por meio de reivindicações. As constantes cobranças por serviços básicos fazem com que a Vila Paranoá saia do anonimato e seja percebida pela mídia, incomodando o Governo.

Leila Maria de Jesus nos mostra como foi esse cenário na época, a partir da visão dos três atores principais: O movimento popular da Vila Paranoá, o Governo pressionado e a mídia. “Para a comunidade é Vila Paranoá (vínculo, solidariedade, lugar de acolhimento), para o governo é

¹⁴ Maria de Lurdes Pereira dos Santos (Lurdes) moradora do Paranoá desde os 13 anos. Participou do Grupo Pró-moradia do Paranoá, foi vice da Associação de Moradores e, atualmente, é presidente do CEDEP.

invasão (baderneiros, aproveitadores, desocupados) e para mídia, favela (miseráveis, indignos, coitados).”

O interesse do movimento popular diverge com a do Governo. Reivindicações do povo da Vila Paranoá e opressão do Governo. Construção de barracos e força policial na derrubada destes barracos. Enquanto isso: a mídia, às vezes apoia o Governo, e, às vezes, o movimento popular.

Além da melhoria estrutural da Vila Paranoá para a sobrevivência/convivência dos moradores, tem a procura da alfabetização dos jovens, adultos e idosos da Vila.

1.3 Alfabetização na Vila...

A alfabetização dos jovens e adultos chegou à Vila a partir do MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, mas teve pouca duração (entre 4 a 6 meses). Esta ação governamental estava sendo extinta por todo o Brasil.

Os moradores da Vila, participantes do MOBRAL, demandaram mais uma necessidade da população à Associação: a alfabetização de jovens e adultos.

A diretoria da Associação responsável pela educação procura a Fundação Educacional do Distrito Federal – FEDF, mas novamente, não recebe apoio. Novamente, o Governo como representante dos interesses da população, não os apoia.

A Associação procura a Universidade de Brasília ao saber sobre a atuação da professora Marialice Pitaguary e seu processo de alfabetização de jovens e adultos na cidade do Gama¹⁵

Os jovens mobilizados da Vila propõem à professora Marialice um desafio para alfabetização dos moradores do Paranoá. Eles não queriam que ensinassem apenas a ler, escrever e calcular, mas ir além, ou seja, utilizar a leitura, escrita e cálculo “discutindo e buscando solução para os problemas do Paranoá” (Reis, 2011 p.7)

Em 1986, a professora assumiu a responsabilidade após conhecer e sensibilizar com a forma

¹⁵ Cidade satélite do Distrito Federal, assim como Paranoá.

de sobrevivência dos moradores da Vila e a vontade destes moradores em aprender a ler, escrever e calcular. Nesse mesmo período, a Associação de Moradores perde o apoio de alguns moradores quando é criada a Prefeitura Comunitária. Seu representante é alguém titulado pelo Governo. Este possui um “mercadinho na Vila, apenas para manter fachada de morador”, mas era morador do Lago Sul. A Prefeitura entrega cesta básica, diz que a Associação era comunista, “baderneiro”.

Na próxima eleição para assumir a diretoria da Associação dos Moradores, surgem duas chapas: Chapa 1, FIXAÇÃO, encabeçada pelos atuais dirigentes e a Chapa 2, apoiada pelo Governo. A Chapa 2 ganha. O novo presidente da Associação, representante do Governo, discursa: “*quem resolve as coisas é o Governo... é preciso agradá-lo para se receber favores*”. É necessário “agradar” quem tem legitimidade para apenas representar os interesses da população. Até quando? Os jovens do Paranoá lutam, mesmo enfraquecidos.

Sem representação jurídica, o grupo de jovens mobilizados da Vila se reúne e funda o CEDEP – Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá. Um espaço para manter o diálogo, a mobilização e continuar a luta para conquista da fixação do Paranoá e suas melhorias. Lugar também de encontros culturais, festas e construção vínculos afetivos.

1.4 CEDEP e Universidade de Brasília: Juntos pela alfabetização

A professora Marialice deixa a coordenação do projeto no Paranoá em 1989, por motivo de saúde, assumindo o professor Renato Hilário dos Reis, que abraça amorosamente até os dias atuais (2013).

O professor Renato, ao assumir a coordenação do Projeto de alfabetização no Paranoá, junto com outros professores da UnB, inicia sua atuação com o diálogo¹⁶ entre os alfabetizandos, alfabetizadores, dirigentes do movimento popular e alunos da UnB “quanto à concepção e procedimentos metodológico-pedagógicos até então”.

E para dar continuidade ao desafio demandado pelos moradores da Vila quanto à

¹⁶ Esse diálogo desenvolveu a apostila *O caminho da alfabetização de jovens e adultos da vila Paranoá* (Reis, 1990).

alfabetização o professor Renato, junto com outros professores, acrescenta aos fundamentos teóricos, além de Paulo Freire e Emília Ferreiro, Karl Marx, Gramsci, Foucault, Vigotski e Bakhtin, mas não exclusivamente.

A questão inicial levantada pelos sujeitos envolvidos na alfabetização foi a de “construção e formação de cidadania? Ou constituição de um sujeito?” O fundamento teórico utilizado para levantar esse questionamento foi a de que o sujeito se constitui nas contradições das relações sociais de Vigotski e Bakhtin (Reis,2011).

“A constituição de um sujeito amoroso, político e epistemológico é uma forma mais precisa. [...] além disso, cidadania é um conceito de compreensão e extensão amplos, às vezes um pouco difuso, particularmente quando se trabalha com pressupostos basicamente marxistas, embora não exclusivamente marxista[...].” (Reis, 2011, p. 52).

Constituir um sujeito político e epistemológico pressupõe que este esteja inserido, mesmo que precariamente inserido, nas relações sociais. Sujeito político é sujeito de poder. Poder de falar, de se expor-se, de opinar e de decidir. E o poder falar está imbricado com o sujeito epistemológico, que produz e adquire saber. Ao expor-se numa sala de alfabetização, o alfabetizando se empodera a percebe que está sendo escutado, acolhido e valorizado pelo que diz e sabe. Quando não fala, escuta, acolhe e valoriza o dizer e o saber do outro, constituindo o sujeito amoroso. (Reis, 2011 p. 52-55).

Na teoria é muito bonito falar sobre constituição do ser humano de amor-poder-saber na alfabetização de jovens, adultos e idosos, mas como seria esse processo na prática?

A afetividade se dá no acolher o outro e ser acolhido pelo outro, é escutar e ser escutado. E o diálogo propicia a exercitação do afeto com/entre os sujeitos da alfabetização do Paranoá/Itapoã. Desse escutar e ser escutado sobre as dificuldades enfrentadas pelos moradores do Paranoá/Itapoã, retira uma situação-problema-desafio levada pelos alfabetizandos e alfabetizandas, discutida e votada em cada sala. Após a votação, constroem um texto coletivo sobre essa situação-problema-desafio. Na sexta-feira ocorre o grande “aulão”, que é o fórum. Os alfabetizandos e alfabetizandas, alfabetizadoras e alfabetizadores do Paranoá e Itapoã, os participantes da UnB e os dirigentes do movimento popular se reúnem, expõem quais foram as situações-problemas-desafios trabalhadas

nas salas de aula, ocorre outra votação para a escolha de uma única situação-problema-desafio e na próxima semana, todos os sujeitos da alfabetização passam a trabalhá-la e tirar os encaminhamentos para, mutuamente, solucionar a situação-problema-desafio enfrentados pelos moradores do Paranoá/Itapoã.

CAPÍTULO II – Silenciado para dessilenciado ou em processo de dessilenciamento

Neste capítulo, coloco-me como sujeito da pesquisa e expresso o sentimento da convivência na sala de alfabetização. Convido as alfabetizadoras do Paranoá e do Itapoã, Dione e Eliane, respectivamente, para um bate-papo. A experiência e a prática nos auxiliam para compreender como é o processo da constituição dos alfabetizandos e alfabetizandas em sujeitos de amor-poder-saber. Entra no bate papo também, os pesquisadores-curiosos da Unb e amigos do GENPEX, Marina¹⁷ e Wagner¹⁸, que no processo de inserção/convivência nos enriquecem com perguntas inquietantes.

2.2 Dialogando/Constituindo, Constituindo/Dialogando

“A sala da Dione não é como as outras salas de EJA. É barulhenta, os alfabetizandos e as alfabetizandas falam sobre as coisas do seu dia-a-dia. As coisas boas e as que são mais difíceis. Sentam-se em círculo. Uns conhecem os outros. Perguntam por que faltaram. Incentivam uns aos outros a continuar na escola quando desanimam. Uns são mais calados, mas não são silenciados. Com jeitinho, a Dione incentiva o diálogo dentro da sala de aula.” (Diário de Itinerância, 19/02/2013)

Alfabetizandos e alfabetizandas da educação de jovens, adultos e idosos dialogando? Carteiras sentadas em círculos? A alfabetizadora incentivando o diálogo? Mas o barulho não incomoda os professores? Para responder essas questões convido a Dione a participar de um bate papo e inicio com a pergunta: *Quanto tempo você está como alfabetizadora?*

“Há três anos... no começo foi assim: eu “tava” terminando minha faculdade, mas eu já “tava” pensando que eu não queria dar aula não. [...] fiquei sabendo que tinha um curso lá no CEDEP com o pessoal da UnB [...] fui fazer e gostei muito, foi o melhor curso [...] que já deram [...] foi em 2011, [...] durou uma semana ou foi duas, [...] falaram sobre a educação de jovens e adultos e ai eu fui me interessando... ai eu fiquei no projeto do CEDEP por um ano. [...] gostei, agora to aí...”

O curso realizado em 2011 foi coordenado pelo Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em

¹⁷ Graduanda em Pedagogia pela UnB, amiga, pesquisadora-curiosa, participante do GENPEX e do Segmento de Estudantes Universitários em prol da Educação de Jovens e Adultos – SEU EJA.

¹⁸ Graduando em Educação Física, amigo, pesquisador curioso e participante do GENPEX.

Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Estudos Filosóficos Históricos-culturais – GENPEX. O curso coordenado pelo GENPEX em 2011, não objetiva apenas a apropriação da leitura, da escrita e da matemática, mas sim, “ler, escrever e calcular e, simultaneamente, buscar soluções para os problemas do Paranoá” (Documento Base, 2001, p.2). O GENPEX tem na sua ontologia existencial 4 pilares norteadores: Afetividade, Texto Coletivo, Situação-problema-desafio e Fórum. Cada pilar será explicado no decorrer do capítulo.

Para contextualizar você, leitor-amigo, complemento a fala da Dione. A turma dela é de conluente e eles (alfabetizadora e alfabetizados) estão juntos há três anos. Dione continua nos dizendo como foi no início.

“Eles eram bem comunicativos porque já tinham estudado juntos, [...] eles conversavam entre si, mas comigo não conversavam muito não [...] fui puxando assunto com eles... com as perguntas, com os exercícios, com algumas dinâmicas que eu fazia com eles... Até eu no início pra falar era meio difícil...”

Os alfabetizados conversavam entre si, mas não conversavam com a alfabetizadora. Na educação bancária, esta relação é comum, a professora fala/transmite conhecimento, e os alfabetizados apenas absorvem passivamente o conteúdo.

Os alfabetizados conversam entre si, mas na hora de conversar com a alfabetizadora, eles se silenciam. Silenciam-se diante de uma autoridade, que neste caso é a Dione. Dione, como alfabetizadora, tem representação social detentora do conhecimento, da verdade e do poder (Foucault, 2012). E os alfabetizados silenciados representam a sociedade dos “excluídos econômica, política, cultural, educacional e afetivo-amorosamente do conjunto das relações sociais.” (Documento Base, 2001, p.10). Silenciados por aqueles, que de alguma forma detêm poder (sentido micro), podendo ser um representante da Igreja, da família, do emprego, da escola...

Refletindo a fala da Dione, questiono à ela, à mim (como educadora) e a você leitor-amigo, como iniciar o diálogo entre os alfabetizados e a alfabetizadora? Os alfabetizados silenciados e a alfabetizadora (no caso, a Dione) assumindo que “no início, pra falar é difícil”. Como construir/constituir uma “relação de autêntico diálogo” entre os sujeitos da EJA, como propõe

Freire (1981)?

2.3 Constituição da relação dialógica: alfabetizadora-alfabetizando-alfabetizador-alfabetizanda

Ao escolher a alfabetização de jovens e adultos como lugar de inserção, questionei-me: Por que quero atuar nesta área? E descubro que carrego dentro de mim um sentimento de transformação. Relembro de uma conversa com alguns amigos da época que estudava para concurso da Polícia Federal, em 2009. Ao ouvir as falas deles, percebi que tinha o pensamento/sentimento diferente dos deles. Eles diziam: “Bandidinhos sempre serão bandidinhos”. Essa ideia determinista de que as pessoas não evoluem, não mudam, não se transformam me incomoda profundamente.

O sentimento de transformação reflete na forma de pensar-agir. Mas questiono: Por que transforma? Como transformar? Transformar o que? Quem? De quem? Assim como a Dione, também passei pelo processo de formação do GENPEX. E compartilhamos de que:

Para quem trabalha diretamente com os mais excluídos entre os excluídos, num país que é todo exclusão, sabe-se o quanto abandono, desleixo e desconsideração humana e pública, quanto sofrimento está sendo produzido nos setores mais pobres da população urbana e rural, pela natureza das várias políticas públicas vigentes. (Documento Base, p.10)

Essa reflexão crítica individual sobre o coletivo nos move, nos guia para uma **educação diferente**. Eu e a Dione, como educadoras, sabemos que não temos todos os saberes de todas as vivências, somos incompletudes (Freire, 2002). Nós, queremos aprender o que não vivemos e queremos compartilhar o que sabemos. E para compreender quais são os saberes/vivências dos outros precisamos escutá-los, compreende-los, assim como queremos ser escutadas, compreendidas para compartilharmos o que sabemos (Reis, 2011). E encontramos um lugar para que aja essa semiose de saberes: na alfabetização de jovens, adultos e idosos.

As trocas dos saberes e dos sentimentos se dá com o diálogo. O diálogo dos sujeitos envolvidos na sala de alfabetização (alfabetizadora-alfabetizandos-UnB) do Paranoá.

Ao escutar os saberes-sentimentos dos alfabetizandos e da alfabetizadora, me deparo com uma realidade completamente diferente da minha. Pessoas vivendo com esgoto “em céu aberto” e com mau cheiro, ruas sem luz. Todos pagavam impostos altíssimos. E o mais doloroso, eles diziam “nós temos que viver assim, nós somos pobres”. (Diário de Itinerância, 04/03/2013)

A educação diferente citada anteriormente, agora tem nome, tem significado: Educação Libertadora, (Freire, 1967), para a Constituição do Ser Humano de amor-poder-saber, (Reis ,2011). Professor-amigo Renato Hilário dos Reis contribui com palavras/sentimentos de quem também vivenciou/vivência o escutar e ser escutado.

Esse falar leva ao domínio da fala, da oralidade, à **descoberta do poder falar** e que esse poder falar significar ter poder. Poder de expor-se, confrontar-se e confrontar, transformar e ser transformado. Influenciar e ser influenciado. Tomar decisões e exercer decisões. De silenciado e em silenciamento, ele pode desenvolver um seu processo de dessilenciamento. Dessilenciamento em que a verbalização e os gestos que a acompanham indicam uma ruptura de um antes silêncio opressão. (Reis, 2011, p.71) (grifo meu)

Desenvolver o diálogo na sala de alfabetização de jovens, adultos e idosos, deixa para trás o simples ensejo de aprender a ler, escrever e calcular. Amplia-se para aprender a ler, escrever, calcular e ressignificar-se como sujeito que também sabe, pode, opina, decide e ama.

Como pesquisadora-curiosa, permaneço no processo de questionamento com outra pergunta: Dialogar o que? Dione, na sua prática como alfabetizadora, nos diz:

“[...]quando nós trabalhávamos só¹⁹ o CEDEP, **os alunos que viam com as palavras**, nós vínhamos com o **problema-desafio** e **eles falavam os problemas que tinham na comunidade** [...], **a gente votava o problema** que eles achavam que tinha mais gravidade e nós íamos conversar sobre o assunto, por exemplo: se eles falassem que “tá” faltando água... **O que nós podemos fazer pra ajudar a comunidade com a falta de água?**[...] **nós fazíamos o texto coletivo**... Se desse pra fazer um abaixo assinado, por exemplo, pra levar pra Caesb ou na administração pra falar sobre o problema [...]” (Grifos meus).

¹⁹ Em 2012, o movimento popular do Paranoá e Itapoã aceitou a parceria do DF Alfabetizado, ação governamental para diminuir o número de analfabetos do Distrito Federal. Tem concepção teórica do “método” Paulo Freire, utilizam as palavras geradoras. É um banco com 18 palavras: escola, trabalho, drogas entre outras. Essas palavras foram tiradas na cidade satélite de Ceilândia e era para ser usado por aqueles alfabetizandos. Mas essas palavras foram utilizadas para todas as cidades que fizeram parceria com o DF Alfabetizado. Como diz a Dione: “não são palavras geradoras, mas palavras geradas”.

Eliane, alfabetizadora do Itapoã, entra no bate papo e complementa a fala da Dione. “[...] o texto coletivo vem [...] com uma palavra deles, vem como um **desabafo** [...]. **Eles querem falar**. [...] quando eles falam o assunto cria mais propriedade, cria mais vida. Fica até mais fácil de trabalhar, porque a gente trabalha o texto que **nós mesmos elaboramos** [...].” (Grifos meus).

Dialogar com/sobre o “desabafo” e com/sobre os problemas da comunidade dos alfabetizados e das alfabetizadas “cria mais vida” nas salas de alfabetização de jovens, adultos e idosos do Paranoá e Itapoã. Marina, pesquisadora curiosa, pergunta para Dione: Como é a elaboração do texto coletivo?

“[...] eu elaborava umas perguntas e perguntava pra eles sobre o assunto[...]por exemplo: coloca a figura no quadro [...] E aí vai perguntando pra eles, qual é a palavra que eles acham que a figura representa... [...] a última palavra que eu trabalhei foi a palavra trabalho! [...] a figura tinha duas pessoas trabalhando, uma com uma inchada e a outra eu não me lembro, então eu fui perguntando pra eles o que eles viam na figura. Qual era a profissão que eles achavam que o rapaz trabalhava. [...] nisso eu vou escrevendo o texto, [...] depois nós falamos sobre alguns direitos trabalhistas, FGTS, [...] sobre a nova lei agora pra os trabalhadores de casa [...]. As domésticas, os caseiros, os jardineiros [...] nos falamos sobre isso...”

Dione, por que é importante trabalhar com o Texto coletivo?

“[...] os alunos aprenderam a serem cidadãos, antigamente, [...] eles não sabiam lutar pelos direitos deles; eles falavam: “ahh isso tá errado”, mas [...] eles não corriam atrás, eles não sabiam onde reclamar, pra quem reclamar... [...] o texto ajudou muito eles, porque nós fazemos o abaixo assinado... [...] Aqui na escola não tinha luz aqui na frente[...] E era um problemão [...] e eles sempre perguntavam: e a luz? E a luz? E nos levamos uns três abaixo assinados lá na Administração e na CEB²⁰... e pra cá pra diretora também [...] Mas só esse ano que resolveu esse problema da luz... mas eu senti que eles ficaram muito interessados e queriam ir lá ver e ir entregar o abaixo assinado também...”

E também teve uma vez que nos estávamos falando sobre o esgoto! E eles também foram lá na CAESB²¹ com a gente pra reclamar sobre o esgoto que “tava” estourado na rua e “tava” com mal cheiro e [...]o povo poderia pegar doença... eles sabem mais sobre o direito deles trabalhando com o texto...”

O texto coletivo se constrói/constitui no momento do diálogo. Os alfabetizados e as alfabetizadas conversam sobre os problemas e as festividades, compartilham sentimentos e

²⁰ Companhia Energética de Brasília

²¹ Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal.

experiências em sala. E essas falas/sentimentos/saberes são transcritas no quadro pela alfabetizadora. Utilizar o desabafo e os problemas da comunidade no processo de alfabetização para trabalhar as diferentes linguagens (português, matemática, história, geografia...).

Construir/constituir o texto coletivo é dar voz aos alfabetizandos. É valorizar os saberes e sentimentos dos que não tem voz, dos que acreditam que nada sabem e que nada são. É acolher o ser humano que chega à sala de aula depois de ter trabalhado o dia inteiro, e na grande maioria, o trabalho é braçal: como empregada doméstica e pedreiro. É se sensibilizar ao escutar que os patrões, em sua maioria, os exploram. A constituição do texto coletivo permitirá o aprendizado da matemática e do português, mas também proporcionará momentos de acolhimento mútuo, de incentivo a seguir em frente, de lutar coletivamente para melhorar as condições básicas do dia-a-dia. Dar voz ao alfabetizando é respeitá-lo pelo que ele é, independente se ele sabe ou não ler e calcular. É ressignificar essa ideia capitalista de que os que sabem e os que podem são apenas aqueles que possuem bens materiais ou intelectuais. É ter a esperança de que o termo “coisificação do ser humano” se torne passado e que surja num amanhã “a sensibilização pelo ser humano”.

CAPÍTULO III – Dialogando com Renato Hilário dos Reis e com Paulo Freire sobre o diálogo e a constituição do texto coletivo

Humildemente, convido os educadores Renato Hilário dos Reis e Paulo Freire, para dialogar com os alfabetizandos do Itapoã, a alfabetizadora Eliane e os pesquisadores-curiosos Marina, Wagner e comigo.

Wagner e Marina vão ao Itapoã encontrar com os alfabetizandos, as alfabetizandas e a alfabetizadora Eliane. Eles querem saber, para fins de pesquisa, como os alfabetizandos e alfabetizandas se sentem construindo um texto coletivo. Dialogando com os pesquisadores, compartilho, a partir do Diário de Itinerância, como foi essa experiência.

“Já tínhamos marcado com a alfabetizadora Eliane sobre esse encontro e ela já tinha conversado com os alfabetizandos sobre a nossa ida. Wagner e Marina começaram o diálogo cumprimentando os alfabetizandos, para “quebrar o gelo”. Depois, a Eliane continuou perguntando como eles se sentiam quando começavam a construir o texto coletivo. Marina incentivava o diálogo com pergunta, enquanto o Wagner, escrevia no quadro o que eles falavam, construindo o texto coletivo. (Diário de Itinerância, maio de 2013)

O texto coletivo constituído ficou assim:

Texto Coletivo sobre texto coletivo

Trabalhar com nosso próprio texto é bom, porque “Foi” nós mesmo que escrevemos (Ailson). Vai desenvolver nossa caligrafia, com que letra se escreve se com s ou ç (Antônio) e o Rosálio complementou dizendo “melhora nosso conhecimento”. Também é bom porque todos estão participando (Rosival). Às vezes as perguntas nos “constrange” e a gente tem medo de falar besteiras (Maria da Paz). Eu tenho medo de falar errado e a resposta não ser aquilo (Dilsa). Para melhorar nós devemos continuar escrevendo os textos, pois é assim que a gente aprende (Maronita).

Participaram do texto: Ailson, Ana Lúcia, Antônio, Arenaldo, Dilsa, Dorcileide, Edivan, Eliane, Gilson, Maria, Marina, Maronita, Rosálio, Rosival e Wagner.

Convido Freire e Reis para dialogarmos a partir do Texto Coletivo.

Freire (1981) reflete sobre a fala dos alfabetizandos e das alfabetizandas e nos enriquece com o pensamento: problematizar sobre o porquê do diálogo desenvolve no alfabetizando a conscientização da “análise crítica de sua relação com mundo e com os outros”. Compreender o porquê desse medo de falar e de falar errado. “Na medida em que os alfabetizandos vão

organizando uma forma cada vez mais justa de pensar, através da problematização de seu mundo, da análise crítica de sua prática, irão podendo atuar cada vez mais seguramente no mundo.” (Freire, 1981, p.17).

Com o jeitinho mineiro de ser, Reis (2011) acrescenta sobre o processo de ressignificação dos alfabetizandos. Resignificar como sujeito que acolhe e é acolhido, escuta e é escutado, ama e é amado. Resignificar que é excluído, mas que não será para sempre excluído. Não é escutado, porque não fala, é silenciado, mas no processo irá se dessilenciar, reconhecendo-se como sujeito que sabe, pode, opina e ama.

A Palavra, o falar, o dizer não só estariam indicando a constituição de um sujeito dessilenciante, mas de um sujeito de poder, porque sujeito de falar. A possível descoberta do pensar consigo mesmo, do pensar com os outros. Do pensar que está em si e do pensar que se expressa com sua fala e na fala dos outros. Que pensar não é pensar o que o professor pensa, o patrão manda, o chefe ordena, o superior estabelece, ou simplesmente consumir o conhecimento conhecido ou tido como culto. Mas que Pensar é produzir o próprio pensar (intrapessoalidade), na relação com o outro (interpessoalidade), como resultante da relação com o outro, e não exclusivamente decorrente do outro. (Reis, 2011, p. 69-70).

O processo de dessilenciamento do alfabetizando e alfabetizanda é o momento de conquista individual e coletiva. É superar a ideologia de que o “saber - ideia, pensamento, fenômeno de consciência” – está diretamente relacionado com a economia (Machado apud Reis, 2011, p.119).

No processo da construção do Texto foi trabalhada a ordem alfabética - colocar os nomes dos sujeitos participantes - além da matemática - quantos alfabetizandos participaram, quantos não e a totalidade em na sala. Trabalhou-se a diferença entre o Português falado e escrito.

Constituir o texto coletivo na alfabetização de jovens, adultos e idosos é utilizar o próprio texto dos alfabetizandos, com suas particularidades, suas situações-problemas-desafios e emoções. É proporcionar, além da conscientização do problema, como propõe Freire (1981), soluções e encaminhamentos para solucionar os embates do dia-a-dia (Reis, 2011). É possibilitar que além de identificar o problema, saiba utilizar as ferramentas necessárias para solucioná-las e não apenas aguardar passivamente que o outro solucione (seja o vizinho ou o Governo).

Além de estabelecer uma vinculação dialética entre saber/poder__ sujeito de saber é sujeito de poder e sujeito de poder é sujeito de saber__ Foucault introduz uma concepção de poder enquanto dimensão micro, presente nas lutas quotidianas do sujeito. Lutas de base. O poder tem o sentido de uma rede. Rede de malhas finas. Uma visão diferente de poder, que não se restringe mais a uma concepção macro: no Estado e a partir desta, para ou sobre o sujeito ou no seu ordenamento jurídico. (Reis, 2000 p.118)

Pergunto a Reis (2011) e a Freire (???) o que pensam/sentem em relação a seguinte fala das alfabetizadas do Itapoã.

“Às vezes as perguntas nos “constrange” e a gente tem medo de falar besteiras (Maria da Paz). Eu tenho medo de falar errado e a resposta não ser aquilo (Dilsa). Para melhorar nós devemos continuar escrevendo os textos, pois é assim que a gente aprende (Maronita).”

Freire (???), como educador humano, nos questiona:

“Que fazer, enquanto educadores, trabalhando num contexto assim? Há mesmo o que fazer? Como fazer, o que fazer? Que precisamos nós, os chamados educadores, saber para viabilizar até mesmo os nossos primeiros encontros com mulheres, homens e crianças cuja humanidade vem sendo negada e traída, cuja existência vem sendo esmagada?” (Freire, ???, p.36)

Freire questiona a nós, educadores, sobre nossa ação pedagógica diante dos alfabetizados silenciados e oprimido. Desenvolver ações dialógicas e libertadoras ou transmitir conhecimento? Iniciar o processo de dessilenciamento do sujeito ou permanecer na educação da “mera apropriação da leitura, escrita e cálculo”? A construção/constituição do texto coletivo contribui para o aprendizado da leitura, da escrita, do cálculo, do começar a falar e de se expor, da reflexão crítica da sua realidade e de sua comunidade, da identificação e encaminhamentos de superação das situações-problemas-desafios do dia-dia e a sensibilização entre seres humanos.

Como pesquisadora-curiosa e inquieta, questiono a Reis (2011): Qual é o tempo para esse processo de dessilenciamento dos alfabetizados? Até quando a dona Maria da Paz vai ter medo de falar por achar que fala errado?

Muito acolhedor e achando engraçada a minha inquietude, responde.

“Há uma transformação no tempo e com o tempo da imagem que o alfabetizando carrega consigo quando chega, mas também cria uma vontade de ir para frente. Não só perde o medo de falar em sala ou em uma reunião de muito gente, como é o fórum, ma também passa a conhecer mais a si mesmo, aos outros colegas, a conhecer os problemas de sua comunidade, a se envolver com eles.[...] Nessa dialogia-dialética bakhtiniana, o alfabetizando vai se constituindo. Constitui o outro e é constituído pelo outro. A relação é de responsividade ativa, ancorada na base material da existência de cada alfabetizando e alfabetizador.” (Reis, 2011, p.153-154)

A construção do texto coletivo constitui não apenas os alfabetizandos, mas também os alfabetizadores. Desenvolver a escuta para proporcionar o diálogo na alfabetização, requer a humildade de compreender que sabe, mas que não sabe tudo. É desenvolver a solidariedade de compartilhar o que sabe com o outro. Ter a sabedoria de compreender que cada um tem o seu tempo no processo de alfabetização e ter a paciência de explicar uma, duas, três ou quantas vezes for necessário quando o alfabetizando não entender. A alfabetizadora dialógica deve estudar, refletir sobre suas próprias atitudes e compreender criticamente, e não de forma ingênua, as situações do dia-a-dia (Freire, 1981).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolver da escrita desta pesquisa, comparo a minha/nossa produção acadêmica com a produção de alguns amigos-pesquisadores da UnB que já defenderam ou ainda vão defender o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Percebo como estão diferentes na escrita, na argumentação e na extensão da referência bibliográfica. No primeiro instante, fico um pouco frustrada e desanimada. Começo a reler o que escrevi e entristeço. Deixo tudo como está e vou dormir. Não escrevo nada durante alguns dias, e neste tempo, reflito sobre a construção do texto coletivo para o processo de dessilenciamento. E me pergunto, por que eu estou me silenciando? Por que não posso escrever sentindo/pensando/agindo/refletindo/interagindo? Por que me sinto mal de extrapolar ideologias ortográficas? E o pior, sinto que sei menos, por não saber escrever de forma “imparcial” ou neutra (termo “desmarcado” por [Foucault, 2012], onde não há saber neutro, e sim compreender que todo saber é político).

A constituição/construção do texto coletivo para o processo de dessilenciamento dos alfabetizados do Paranoá e Itapoã, assim como o meu e das alfabetizadoras, desperta a reflexão e o questionamento das situações-problemas-desafios enfrentadas individualmente e/ou coletivamente e auxilia na melhor forma de superação individual e/ou coletiva dos desafios.

O falar para construção do texto é uma proposta de superação desta cultura hegemônica atual, onde só se valoriza o saber daqueles que possuem acúmulos de bens materiais e intelectuais. É empoderar os que se sentem silenciados. É acolher os que sentem oprimidos. É resgata um ensinamento cristão, mas não exclusivamente, de “amar ao próximo como a ti mesmo”. O processo de dessilenciamento do jovem, adulto ou idoso, que passou parte da vida acreditando que apenas teria que viver no mundo, mas não viver com o mundo (Freire, 1981).

Ouvir que um alfabetizado é explorado pelo patrão, e a partir dessa fala, trabalhar sobre/com essa situação-problema-desafio (exploração e direito trabalhista) e no processo da constituição do ser humano de amor-poder-saber, esse mesmo alfabetizado dizendo que iria pedir demissão, porque não aceitava ser mais explorado.

Dar voz e trabalhar as diversas linguagens a partir desse falar, deixa de ser uma relação professor-aluno e passa para uma relação de ser humano com humano. Compartilhando saberes e aprendizados. É muito mais que apenas ler, escrever e calcular, mas também desenvolver o carinho mútuo entre os sujeitos da alfabetização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lemes, Julieta Borges. **O PROEJA Transarte na educação de jovens e adultos do Centro de Ensino Médio 03 e na educação profissional do Centro de Educação Profissional de Ceilândia** : significações e indicações de estudantes à elaboração de um itinerário formativo. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

Jesus, Leila Maria de. **A repercussão da atuação de educadores/as populares do CEDEP/UNB na escola pública do Paranoá-DF**. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

Viana, Sttela Pimenta. **As significações e repercussões do percurso formativo de pedagogos(as) egressos(as) do Projeto Paranoá em suas trajetórias profissionais na educação de jovens e adultos**. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

REIS, Renato Hilário. **A Constituição do Sujeito Político, Epistemológico e Amoroso na Alfabetização de Jovens e Adultos**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Campinas: Universidade de Campinas, 2000.

_____ **A Constituição do Ser Humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Coleção Políticas Públicas de Educação. Organizadores: Célio Cunha, José Vieira de Sousa e Maria Abádia da Silva. Ed. Autores Associados, 2011.

_____. **Documento Base do Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em**

Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (Genpex). Brasília, 2008b.

Disponível em: <<http://genpex-genpex.blogspot.com>>. Acesso:

Marx, Karl, 1818 – 1883. **Manifesto do Partido Comunista** / Karl Marx / c /Friedrich Engels; tradução de Sueli Tomazini Barros Cassal. – Porto Alegre: L&PM, 2011. 144p.; 18cm – (coleção L&PM POCKET).

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

_____. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor** / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.(Coleção educação e Comunicação, v. 18).

_____. **Ação cultural para a liberdade.** 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981. 149 p. 21cm.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido/** Paulo Freire – Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____.1921 – 1997 **Pedagogia da Indignação: cartaspedagógicas e outros escritos** / Paulo Freire. – São Paulo: UNESP, 2000.

Foucault, Michael. **Microfísica do Poder**, 25ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

PARTE III - PROJETO DE VIDA PROFISSIONAL

Ser professora! Ser professora! Ser professora! Mas não qualquer professora, mas sim uma professora-dialógica.

O professor-pesquisador-curioso-amigo Renato Hilário dos Reis é o meu exemplo de educador-humano. Gostaria que um dia as crianças falassem de mim, o que eu digo do professor Renato, em relação aos encontros do GENPEX: “é a aula que o professor menos fala e que eu mais aprendo”. A relação dialógica entre os integrantes do GENPEX

Pretendo permanecer atuante no GENPEX, na alfabetização de jovens, adultos e idosos. Ser professora da rede pública de ensino, trabalhar com alfabetização de crianças, na perspectiva da construção do texto coletivo e educação popular.

Hoje, trabalho como monitora na terceira escola mais cara de Brasília. Ao formar, quando surgir vaga para professora de alfabetização, vou me candidatar. E se passar, tentarei trabalhar na perspectiva de educação popular e da construção de texto coletivo numa escola elitizada de Brasília. Quem sabe esse poderia ser o tema do mestrado?

Independente onde estiver pretendo permanecer no processo de constituição do meu ser humano de amor-poder-saber.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu aceito participar da pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Ensino – Pesquisa - Extensão em Educação Popular e Estudos filosóficos histórico-culturais – GENPEX. O material recolhido será utilizado para fins de pesquisa, assim como está sendo utilizado para desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob o tema: A construção do texto coletivo para o processo de dessilenciamento do alfabetizando do Paranoá e Itapoã, da graduanda em Pedagogia Janaina Segatto Menezes (matrícula 07/02447), sob orientação da Professora Doutora Maria Clarisse Vieira, professora da Universidade de Brasília.

Brasília, ____ de _____ de 2013

Assinatura

Janaina Segatto Menezes (matrícula 07/02447)

Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Brasília

telefone: (61) 84923098

e-mail: nina_segatto_2@hotmail.com

Doutora Maria Clarisse Vieira

Professora da Universidade de Brasília

Coordenadora do Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e

Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais – GENPEX

telefone: (61) 33072017

e-mail: mariaclarissev@gmail.com

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Quanto tempo você está como alfabetizadora?
2. Como você compreende o texto coletivo utilizado no processo alfabetizador do CEDEP-UnB/Paranoá-Itapoã?
3. Quais são os passos/etapas do processo de elaboração do texto coletivo?
4. Dê exemplos de textos coletivos já utilizados ou em elaboração em sala de aula.
5. Mostre a utilização dos textos coletivos no aprendizado dos/das alfabetizados/das em nível de uma das linguagens: língua portuguesa, linguagem matemática, linguagem das ciências, linguagem da geografia, linguagem da informática, linguagem das artes.
6. Como o texto coletivo pode ir além desse ler e escrever?

Entrevista degravada da alfabetizadora Dione

Dione: quando eu entrei no projeto eu não me situava bem com esse texto coletivo não, eu achava muito esquisito, mas depois que eu fui pegando a prática eu fui vendo que os alunos se interessam mais porque tá falando de alguma coisa... algo deles, que eles vivenciam, porque vem da palavra geradora, né?! Então eles dão a opinião deles, eles falam o que acontece na comunidade, então é melhor porque eles ficam mais interessados, pois eles vêem que foram eles que fizeram o texto, né?! Por isso que eles compreendem melhor porque estão as palavras deles no texto...

Janaina: então você usa o texto coletivo junto com a palavra geradora?

Dione: Isso! Pra usar o texto a partir da palavra...

Janaina: mas de onde vem essa palavra geradora?

Dione: Anntigamente, né?!, quando nós trabalhávamos só o CEDEP, os alunos que viam com as palavras, nós vínhamos com o problema-desafio e eles falavam os problemas que tinham na comunidade, né?! Então, a gente votava o problema que eles achavam que tinha mais gravidade e nós íamos conversar sobre o assunto, por exemplo: se eles falassem que tá faltando água... o que nós podemos fazer pra ajudar a comunidade? Com a falta de água... aí nós fazíamos o texto coletivo... se desse pra fazer um abaixo assinado, por exemplo, pra levar pra Caesb ou na administração pra falar sobre o problema né?!... nós fazíamos isso... Mas agora a palavra já vem, e eles não escolhem mais as palavras, porque já vem um grupo de palavras com dezoito palavras e nós trabalhamos agora desse jeito!

Marina: de onde vem essas palavras?

Dione: Vem da regional!

Janaina: Do DF Alfabetizado?

Dione: Isso... agora não são eles que escolhem... “as palavras já vem jogadas ao vento” (Risos)

Janaina: Ai você utiliza o texto coletivo junto com essas palavras?

Dione: Isso... ai nós vamos conversando sobre o assunto e eu vou escrevendo o texto que eles

falam, com as palavras deles...

Marina: e quais são as etapas de elaboração do texto coletivo?

Dione: Antigamente quando eu não sabia muito trabalhar com o texto tinham umas perguntas né?! eu elaborava umas perguntas e perguntava pra eles sobre o assunto, mas agora eu não faço isso mais não... eu não preciso mais escrever porque eu acho que eu já peguei a prática... Antigamente eu fazia assim: quando a gente falava sobre água... era o dia internacional da água! Ai eu perguntava pra eles se eles sabiam qual era essa data, qual era o motivo que foi colocado esse dia pra ser o dia internacional da água... qual o motivo né?! E porque a água era tão importante? E assim sucesivamente... fazia várias perguntas! Eu elaborava né?! Agora nem preciso mais elaborar as perguntas!

Marina: e como é que você começa?

Dione: É assim, por exemplo: coloca a figura no quadro né?! E ai vai perguntando pra eles, qual é a palavra que eles acham que a figura representa... por exemplo, a última palavra que eu trabalhei foi a palavra trabalho! E ai a figura tinha duas pessoas trabalhando, uma com uma inchada e a outra eu não me lembro, então eu fui perguntando pra eles o que eles viam na figura? Qual era a profissão que eles achavam que o rapaz trabalhava? Ai nisso eu vou escrevendo o texto, ai depois nos falamos sobre alguns direitos trabalhistas, FGTS, e falamos sobre a nova lei agora pra os trabalhadores de casa, né?! As domesticas, os caseiros, os jardineiros, e ai nos falamos sobre isso...

Janaina: quanto tempo você está como alfabetizadora?

Dione: três anos... no começo foi assim: eu tava terminando minha faculdade, mas eu já tava pensando que eu não queria dar aula não ai eu fiquei sabendo que tinha um curso lá no cedep e o pessoal da UnB e ai eu fui fazer e gostei muito, foi o melhor curso eu acho que já deram foi aquele... foi em 2011, eu acho que foi... e durou uma semana ou foi duas, eu não lembro direito... ai eles falaram sobre a educação de jovens e adultos e ai eu fui me interessando... ai eu fiquei no projeto do cedep por um ano ai gostei, agora to aí...

Janaina: A questão do texto coletivo, porque você acha o texto coletivo importante? A forma como os alfabetizados entram e depois concluem, qual a importância do texto pra eles?

Dione: eu acho que os alunos aprenderam a ser cidadãos, antigamente eu acho que eles não sabiam lutar pelos direitos deles; eles falavam: ah isso tá errado, mas só que eles não corriam atrás, eles não sabiam onde reclamar, pra quem reclamar... então o texto ajudou muito eles, porque nos fazemos o abaixo assinado... lembra que aqui na escola não tinha luz aqui na frente? E era um problemão isso ai, e eles sempre perguntavam: e a luz? E a luz? E nos levamos uns três abaixo assinado lá na administração e na ceb... e pra cá pra diretora também né?! Mas só esse ano que resolveu esse problema da luz... mas eu senti que eles ficaram muito interessados e queriam ir lá ver e ir entregar o abaixo assinado também...

E também teve uma vez que nos estávamos falando sobre o esgoto! E eles também foram lá na Caesb com a gente pra reclamar sobre o esgoto que tava estorado na rua e tava com mal cheiro e que o povo poderia pegar doença... eles sabem mais sobre o direito deles trabalhando com o texto... No início que eu comecei eles falavam que não gostavam de escrever não, porque não sabiam ler e ai com jeitinho eu fui dando um jeito... ai eu trazia muita reportagem de jornal e gravuras e pedia pra eles falar né?! O que eles estavam vendo na gravura, o significado, as vezes eu faço o texto coletivo assim com eles, trago a gravura e coloco no quadro, ai peço pra eles escreverem o que eles acham que representa, ai eles escrevem o texto até grande agora... antes eles escreviam uma frase, agora eles escrevem uma página... quando eles entraram não sabiam ler de jeito nenhum... só sabiam as sílabas, mas pra ler junto não sabiam...

Janaina: No início como você chamava a atenção deles?

Dione: Eles eram bem comunicativos porque já tinham estudado junto, ai eles conversavam entre si, mas comigo não conversavam muito não ai eu fui puxando assunto com eles... com as perguntas, com os exercícios, com algumas dinâmicas que eu fazia com eles... Até eu no início pra falar era meio difícil...

Marina: e as múltiplas linguagens?

Dione: Eu faço o texto coletivo e elaboro questões e peço pra eles destacarem palavras...

Marina: e a questão da matemática e da geografia?

Dione: Geografia é muito difícil de trabalhar porque aqui não tem como a gente pegar os mapas...

(Marina fala sobre como trabalhar a geografia com a questão dos espaços, transporte...)

Dione: quando eu vou fazer um exercício ai eu peço pra eles tirarem do texto algumas palavras e

vamos separando e contando as sílabas, depois peço pra eles tirarem do texto encontros vocálicos... e também o texto sobre a dengue nós fizemos um gráfico sobre a quantidade de pessoas doentes...

Janaina: você sentiu diferença sobre antes trabalhar com a situação-problema-desafio e agora com as palavras geradoras?

Dione: Sim, eles até perguntaram como começou o DF alfabetizado, porque antes eles escolhiam as palavras, agora as palavras já pra gente colocar pra eles... ai eles falavam: “ mas acabou, a gente é que escolhia as palavras”... ai eu conversei com eles que o projeto já ta vindo com as palavras... ai a menina até brincou no planejamento: “ as palavras agora são geradas”... agora eles nem falam mais... a Lourdes que organiza as palavras porque ela é a coordenadora da regional... o texto ainda é feito como antes, mas a gente tinha o encaminhamento pra tentar resolver o problema-desafio...

Marina: agora no mesmo texto você trabalha o problema e o encaminhamento?

Dione: sim... mas eu não coloco o nome não... quando nos estávamos falando sobre o trabalho teve uma coisa interessante... por que eles estavam reclamando... no texto do livro tava falando a questão das creches... onde os pais deixam os filhos quando vão trabalhar... ai eles falavam: deixam em casa sozinhos... porque? Mas é direito da criança ter cheche... aqui no Paranoá tinha duas e no lago sul tinham duas... e agora três delas fecharam e a outra vai fechar também... porque o governo não quer arcar com as despesas...

Ai nos pensamos em fazer um texto e encaminhamento sobre as creches e ai eu falei pra Lourdes, mas só que ela disse que ia conversar comigo, mas ai eu acho que ela esqueceu... mas eu vou perguntar isso pra ela ainda... pra falar pros alunos... tem uma creche ai que tem mais de cinco anos que tá fechada... e era tão bonito lá... agora as mães pagam pra alguém cuidar ou deixar sozinha.... mas ai tem aquela lei que as crianças tem que ir pra escola com quatro anos... mas ai em que escola... não tem escola... é obrigatório as crianças e adolescente estarem na escola, mas na tem vaga pra todos... todo começo de ano é assim... as pessoas dormem nas escolas mas não conseguem vagas... algumas crianças tem que ir pro cruzeiro... mas é muito longe daqui....

Marina: o que você sugere para aprimorar o texto coletivo?

Dione: seria interessante, ate porque a Lourdes quer fazer um livro NE?! Sobre o texto coletivo, seria interessante...

Entrevista degravada da alfabetizadora Eliane no dia 14 de maio 2013 no Itapoã.

Marina: Como você compreende o texto coletivo utilizado no processo alfabetizador do CEDEP-UnB/Paranoá-Itapoã?

Eliane: Eu tenho entendido o texto coletivo, principalmente nesses dois últimos projetos, que tem ajudado bastante. É fundamental, porque a palavra do aluno. A princípio eles têm uma restriçãozinha, mas é necessário. Porque eles falam, eles acham, que história. Estou trabalhando o texto coletivo muito mais agora que antes. Eu ficava muito apegada em livros, procurando atividades, mas agora não. A gente trabalha em cima do texto coletivo. Ontem, mesmo estava produzindo um texto coletivo sobre a escola, fizemos um tour pela escola, conversamos sobre a segurança. Então, o texto coletivo vem, às vezes, com uma palavra deles, vem como um desabafo, às vezes. Eles querem falar. Outros falaram que a escola ajuda, porque eles ajudam a ensinar os filhos. Então assim, quando eles falam o assunto cria mais propriedade, cria mais vida. Fica até mais fácil de trabalhar, porque a gente trabalha o texto que nós mesmos elaboramos e fica lá o nomezinho dele no texto, não é? Então, é mais importante.

Marina: O importante é o diálogo, não é?

Eliane: Eu até falo que é um pouco... não é fácil! Não é! Porque é assim: eles falarem, até eu tenho dificuldade de falar né? Então assim... Elaborar o assunto e colocar fica difícil. Não quer falar porque tem medo, tem vergonha, acha que não sabe. E nós, como professoras, nos comunicamos e o texto é uma forma de comunicação entre nós. E é o jeito que gente usa para poder trabalhar. E fica até mais fácil, não é? É uma vidinha a mais para nossas aulas. É difícil porque é puxado para eles, às vezes, eu vou, às vezes, eu falo exatamente o que eles querem, o que eles entendem do assunto. Às vezes, quero levar por um caminho, eu vou direcionando porque eu quero alguma coisa. Eu quero chegar à aquele assunto E é isso.

Janaina: E como você faz para um aluno que não quer falar?

Eliane: ele não quer falar ele tem toda a liberdade.

Janaina: De não falar! E como você estimula para que ele no processo...

Eliane: NO processo ele vai se abrindo. Ontem, tem uma aluna que é nova na classe. Ela é nova na sala, então ela não está acostumada a decidir. Tem alunos e até alguns que antes não falavam e diziam: “eu vou falar”.

Marina: A primeira coisa que fala é que não vai falar.

Eliane: “eu não sei” “não adianta me chamar, que eu não vou falar”. Às vezes, eu começo aleatório, às vezes, eu chamo, às vezes eu pergunto quem quer falar. Então, quando, às vezes, o aluno: “Ah eu não sei nada”. Eu falo: todo mundo sabe alguma coisa. E ontem, essa aluna que é nova eu disse: O que você acha? O que você entende? O que a escola traz de bom? O que você gostou? O que não

gostou? O que a escola tem feito por você ou por nós? O que você está achando? Ela não falou. Falou, falou, mas não falou sobre o assunto. Ai no final eu coloquei que ela não gosta de falar (no texto coletivo). Mas ela viu que todos os alunos participaram. Então na próxima... A gente vai com jeito. Ela não é obrigada a falar. Mas o nome dela está no meio, entendeu? O nome dela tem que está no meio. Mesmo que não fala, mas que não teve voz, estava presente em todo o assunto. Ela faz parte da história.

Marina: Quais são os passos/etapas do processo de elaboração do texto coletivo?

Eliane: Depende do assunto

Janaina: Ontem, como chegou nesse tema? (Escola)

Eliane: Como chegou? Nós temos o roteiro das palavras geradoras.

Janaina: De onde vêm as palavras geradoras.

Eliane: Vem do planejamento que vem da EAPE, que vem do DF Alfabetizado, que deu o roteiro. E no roteiro a próxima palavra seria chuva. Mas chuva... Não queria introduzir chuva agora. Então falei, vou trabalhar escola agora, que também é palavra que já está no planejamento quinzenal da EAPE. Ai, a forma que trabalha é livre.

Marina: Esse planejamento é aquele que faz aqui sexta feira?

Eliane: é montado aqui na sexta feira.

Janaina: o plano de ação ou a palavra geradora é montado aqui?

Eliane: Não. A palavra geradora vem da EAPE, mas nós também usamos algumas palavras que nós achamos relevantes, que nós usamos no problema desafio.

Wagner: Vocês tem autonomia para inserir outros assuntos.

Eliane: Exatamente. Quando cheguei nesse projeto aqui, no CEDEP que tem parceria com o GENPEX, eu tive um pouquinho de dificuldade porque ele é diferente do AlfaSol (Alfabetização Solidária), está entendendo? O AlfaSol trabalha muito com oficina, você trabalha com material. Esse daqui vem com uma estrutura, um esqueleto para você e você tem que seguir isso. Eu cheguei e tinha as palavras geradoras. No curso, falaram que tinha que usar palavras geradoras, nada de texto coletivo. E quando chegamos à capacitação a Lurdes falou: “Tem que usar o texto coletivo”.

Janaina: Você teve conflito em lidar com a estrutura da EAPE?

Eliane: Essa estrutura é um pouco engessada. Até questionamos as palavras. Às vezes, uma palavra feita lá na Ceilândia não é para cá. Às vezes, algumas, por se do DF, usa, outras, não. A gente queria usar uma palavra que surgisse na conversa, igual do problema desafio, sobre o que está acontecendo na sociedade, violência (por exemplo), entendeu? Que é uma palavra que aqui tem tudo haver, drogas tem tudo haver. Drogas têm, mas está lá na frente (no roteiro da EAPE).

Eu tive problema para encaixar o processo Paulo Freire, o método Paulo Freire que são as palavras geradoras. Vem do método Paulo Freire as palavras geradoras. Que é para você trabalhar as

palavras, as famílias dentro das palavras geradoras. Aí você tem que inserir o texto coletivo. Na capacitação tem que usar o texto coletivo.

O que eu faço, pego a palavra geradora e converso com os meus alunos sobre essa palavra, nós usamos desenhos, nós usamos imagem. Eu uso vídeo, eu uso música, depende do assunto. Secura (uma das palavras do roteiro) eu trouxe um vídeo, as imagens, várias fotos, umas 20 fotos. Eles viram as fotos e depois passei um vídeo. Depois nós falamos, não é? Como estava? Quais as causas da seca? Onde mais ocorre? Vamos puxando. Mas para isso, eu peguei a palavra geradora, que vem da EAPE, e peguei o texto coletivo, e fiz a união dos dois para poder trabalhar. E ai usa a fala do aluno, a visão dele, a nossa visão, a nossa realidade, e vamos colocando (no Texto Coletivo).

Marina: Como você puxa para começar o texto coletivo?

Eliane: É isso, eu trago algum assunto não é? Alguma coisa da realidade, do que está acontecendo.

Marina: Mas você faz alguma pergunta? Ou é livre?

Eliane: Às vezes, eu faço perguntas, às vezes trago duas perguntas. Eles falam o que eles acham. Eu não faço a pergunta e coloco encaixadinho não. Eu deixo eles falarem, cada um fala. Tem o de ontem, mas não tive tempo de digitar. Olha como faço, nós fazemos o texto quando iniciamos com a palavra. Antigamente, fazíamos o seguinte: trabalhava a palavra, jogava a sílaba, fazia o banco de palavra aqui. O grupo de palavras tem que ter o banco de palavras para você trabalhar. Ainda tem gente que só trabalha com banco de palavras. Ai eu falei: “puxa, eu fazia o texto no final, mas para quê? Esse texto está sem utilidade nenhuma” Os alunos estavam cansados de ouvir aquela palavra. Palavra, palavra, palavra... A gente traz o assunto, faz o texto coletivo e em cima do texto coletivo a gente tira as sílabas, palavras, vogais, consoantes e o que tiver no meu cronograma.

Janaina: Você traz a palavra geradora e problematiza através de uma pergunta?

Eliane: Exatamente. Nós contextualizamos ela. Porque as palavras não tem nada haver com que nós estamos passando. Secura, esses dias atrás não tinha nada haver com secura. Esses dias para trás não estava seco. Começou um friozinho, mas não estava seco. Ainda não estava na época da seca. Eu trouxe porque tem algumas regiões (do Brasil) que estão sofrendo com a seca. Nós falamos sobre a questão dos alimentos que aumenta o preço porque não está chovendo. Nós falamos sobre a transposição do Rio São Francisco, o dinheiro que está gastando, o nosso dinheiro, os nossos impostos, os nordestinos estão sofrendo, mas não tem dinheiro. Porque estão gastando com os estádios, a Copa. Às vezes, até um pouquinho de política é trabalhado na sala. Porque alfabetizar não significa fazer ler ou falar de letras e números, então tem que falar alguma coisa que faz sentindo não é? Olha esse texto (ela nos mostra um texto coletivo), não pode ser um texto muito longo, às vezes, faço menorzinho. Esse daqui foi feito dia 30/04/13. Eu coloquei a palavra geradora secura e nós colocamos: *“Causas da seca. Os alfabetizandos falaram: desmatamento, outros, localização, dependendo do lugar, a falta de chuva, causas naturais. Problemas que a seca causa:*

fome, morte dos animais, doenças, sede, desemprego, migração. Como combater a seca: construção de cisterna, transposição do Rio São Francisco.” Isso é lá “tá”?! (se referindo as regiões brasileiras que estão sofrendo com a seca) Nós estamos falando de lá. A situação da seca não é daqui, não é o nosso caso, porque nós colocamos de acordo com o assunto que vimos nas imagens. Um aluno até ironizou “pedindo à Deus”. Ele quis dizer que não tem outro jeito não.

Wagner: Tem m pouco de lamento também porque muitos deles são nordestinos.

Eliane: [...]Nós colocamos o Itapoã, para ficar próximo do nosso dia-a-dia. “*O Itapoã era chamado de “Itapoeira”, porque não tinha asfalto, não tinha água e nem luz. Na seca tinha muita poeira causando muitas doenças, como: asma, sinusite e problemas nasais*”. Então, nós colocamos esse pouquinho aqui do nosso dia-a-dia. Porque, às vezes, eu tenho que seguir esse roteiro aqui. Com o texto coletivo, ele não é assim tão solto. Ele é um pouquinho amarrado.

Janaina: Então você utiliza as palavras geradoras propostas pela EAPE e tenta contextualizar usando o texto coletivo para que possa surgir o diálogo.

Eliane: E também para que essas palavras sirvam de alguma informação, sirvam de incentivo para alguma coisa, que sirvam para alguma coisa. Que não seja só uma palavra para ser usada no dia-a-dia. Usou, acabou, escreveu aqui e treinou aquela palavra, entendeu? Eu tento trazer a palavra para nossa realidade, mas nem sempre dá. Por exemplo: máquina. Nós não usamos muito a máquina não é? Mas, às vezes, os alunos aqui mesmo, para utilidade deles, eles usam muito a máquina de lavar, essas coisinhas não é? Então, você tem que tentar colocar isso no nosso dia-a-dia. Às vezes, não faz muito nexo não é? A questão é: a palavra máquina não é muito importante para nós. Se usassem as palavras violência, problemas com os filhos e falta de ônibus.

Wagner: Estimulava mais não é?

Eliane: É! Quando a Géssica (graduanda da UnB) estava aqui falamos sobre a segurança na escola, os alunos sempre falam, nós falamos de saúde, de segurança. A gente sempre fala de reunir, de fazer uma passeata, mas fica muito nisso. Fica muito no falar. Às vezes, não tem um avanço maior, às vezes, o alfabetizador não tem fazer muita coisa. Às vezes, a gente fica engessada. Fazer como? Precisamos de mais alguém, às vezes, não tem muita coisa. Às vezes, a gente precisa de um ônibus, não tem. Nós estamos com dificuldade de resolver problemas de materiais, às vezes, os problemas básicos a gente não consegue resolver. Nós não tínhamos material para produzir o trabalho para os dias das mães. Eu gosto de trabalhar com alguma coisa manual, mas não tem material.

Marina: Dê exemplos de textos coletivos já utilizados ou em elaboração em sala de aula.

Eliane: *O Itapoã era chamado de “Itapoeira”, porque não tinha asfalto, não tinha água e nem luz. Na seca tinha muita poeira, causando muitas doenças, como: asma, sinusite e problemas nasais. Então, nós colocamos esse pouquinho aqui do nosso dia-a-dia.*

Marina: Mostre a utilização dos textos coletivos no aprendizado dos/das alfabetizando/das em

nível de uma das linguagens: língua portuguesa, linguagem matemática, linguagem das ciências, linguagem da geografia, linguagem da informática, linguagem das artes.

Eliane: Nós já trabalhamos Jogos. Quando trabalhei jogos, trabalhei matemática. Os alunos disseram que não estavam mais aguentando, chamaram a coordenadora e pediram para que passasse português, não aguentavam mais matemática. Mas porque, geralmente, o pessoal não trabalha muito matemática. Assim, uma matemática contextualizada. Eles pegam alguma coisa e joga. Eu mesmo já fiz muito isso de pegar adição, conta ou algum problema e trazer e colocar e não tentar tirar a matemática do assunto. Ontem, nós estávamos andando pela escola e perguntei a quantidade de sala, a quantidade, mais ou menos, de carteiras que estavam tiradas (depósitos de carteiras não utilizadas em sala), carteiras pagas pelo nosso dinheiro. Quando trabalhamos com a palavra lote, perguntei o que significava IPTU ou TLP, os alunos não sabiam o que significavam.

Janaina: No início, você disse que alfabetização não é só saber a ler e a escrever. Como você acha que o texto coletivo pode ir além desse ler e escrever?

Eliane: Alfabetização, ela é o horizonte do aluno, para que ele venha conhecer os seus direitos. Quando a gente fala de taxa de limpeza pública, eles sabem que tem que pagar, tem que pagar os impostos, para que ele possa cobrar, então, quando você fala que ele tem que pagar os impostos, assim como nós temos que reclamar os nossos direitos, nós temos obrigações também. Então quando você trabalha na sala e fala sobre isso e as coisas vão ficando mais claras.

Falamos para uma alfabetizanda que ela seria a nossa representante, porque ela disse que quando falou lá na escola, ela conseguiu uma sala de recurso. Quando ela fala, abre um leque do assunto, eu conheço esse aluno, às vezes, a gente pode aconselhar, a gente pode trazer coisas para abrir mais os horizontes. E não é só deles, mas o meu também. Às vezes, eles falam coisas que eu não sabia. Informações que vem. Uma vez falamos sobre a questão dos idosos, e eu disse: “vamos pesquisar”. Com quantos anos aposenta? Se a pessoa que não trabalhou não tem direito a receber uma aposentadoria. Ai nós descobrimos sobre a LOA (O Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social – BPC-LOAS), que é um benefício que recebe os deficientes e os idosos depois dos 65 anos que não tem condição, que não tem filhos que ajude. A LOA é dada a essas pessoas. E também que os idosos têm direito a isenção do IPTU e também um desconto na conta de água e de luz, minha sogra já recebe. E se tiver pago, depois de aposentado, recebe a restituição. Dá um trabalho, mas recebe. Então essas coisinhas é um pouquinho mais que ler e escrever. São informações que os alunos ficam sabendo, não é? O texto coletivo contribui, porque quando ele está falando alguma coisa, ele abre o leque e eu vou pesquisar ou eu peço a eles para irem pesquisar. Saiu uma vez no banco de palavras a palavra “Curral” e surgiu à dúvida se era com “l” ou com “u”. E eu pedi para eles pesquisarem, e disse que a professora não sabia de tudo. Eles pesquisaram naquele dicionário que a letrinha é pequenininha, que é tão difícil de trabalhar. Vocês tem que

pesquisar porque a professora também tem dúvidas. O texto coletivo ajuda, não só ele aprender a ler e a escrever, ele vai aprender a pesquisar. [...]

Wagner: A partir de sua experiência, o que você sugere como aprimoramento da utilização do texto coletivo no processo alfabetizador da UnB-Cedep no Paranoá/Itapoã?

Eliane: Para melhor? Não sei, porque eu estou aprendendo. Cada dia aprendo mais, eu acho que é pesquisar mesmo. Para melhorar é fazer. Assim vai ficando mais fácil, e fica mais fácil com os alunos. Vou contar uma experiência. Eu estava fazendo este texto aqui (mostra para Marina o texto) e chegaram alunos de outra sala. Os meus alunos já estão acostumados de eu puxar a falar, a escrever, e, no dia de escrever o texto coletivo é puxado, porque é o dia do diálogo, você fala, conversa. No outro dia, a professora faltou de novo, e a coordenadora falou para ir de novo para sala da professora Eliane, e um deles disseram: "eu não vou para lá mais não". Disse que não vinha mais para cá, mas porque ele não está acostumado a começar a falar e eles falam que tem medo de falar, medo de falar errado, mas eu falo "tenha medo não menino, vamos falar errado todo mundo junto e errando que se aprende".